

“EU ENSINO! ELE APRENDE! EU APRENDO! ELE ENSINA!”
ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO
CONTEXTO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gláucia Petry Dorneles¹
Lenir Luft Schmitz²

1 INTRODUÇÃO

Este texto é resultado de uma pesquisa teórica acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas nos Anos iniciais do Ensino Fundamental, no intuito de resgatar alguns aspectos da educação tradicional passiva para adentrar, num segundo momento, no contexto interativo do processo educativo.

Ao enfatizar a educação contemporânea, faz-se necessário buscar referências constituintes dos modelos educacionais do passado, uma vez que estes podem estar integrados às práticas pedagógicas vivenciadas atualmente. Desta forma, pensar nas práticas pedagógicas nos desafiou a compreender as características passivas e interativas presentes no cotidiano escolar.

Neste contexto, o desenvolvimento desta pesquisa teórica, buscou compreender e refletir sobre algumas inquietudes em relação às práticas pedagógicas vivenciadas no cotidiano escolar, partindo da interrogativa: De que forma as ações de passividade ou de interatividade estão presentes nas práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

Nesta perspectiva, entrelaçaram-se alguns objetivos norteadores para o desenvolvimento da temática estabelecida, uma vez que esta visava analisar as pesquisas realizadas acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de modo a pesquisar a passividade e a interatividade presentes no paradigma tradicional, bem como destacar a necessidade de superação destas práticas no atual cenário educacional.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da instituição FAI Faculdades, Ensino Superior incompleto, professora (Coordenadora do Programa Mais Educação) na Escola Municipal Funei. E-mail: glauucia.petry@hotmail.com

² Professora do Curso de Pedagogia da FAI – Faculdade de Itapiranga. Mestre em Pedagogia. E-mail: lenirlus@gmail.com

Pretendeu-se, portanto, pesquisar a percepção dos diferentes autores (aqui mencionados) acerca da presença das práticas pedagógicas passivas e interativas no contexto escolar, no intuito de refletir sobre as configurações do espaço escolar utilizadas no passado e atualmente, elencando aspectos que redimensionam as práticas interativas na escola, e ainda, compreender as estratégias que estimulam os educadores a construir práticas de interatividade na sala de aula.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PASSIVA/TRADICIONAL

A educação brasileira, desde os primórdios da colonização, estabeleceu aspectos relativos à concepção formativa dos jesuítas, compreendendo sua estrutura e organização de acordo com os preceitos sociais instituídos. Assim, o contexto educacional buscou oferecer condições humanísticas e mundanas, sendo estas aprimoradas através da abrangência vivencial de cada geração.

No contexto da educação brasileira, relembra-se dos primeiros indícios educacionais apresentados pelos jesuítas na condição de formalizar a estrutura social e econômica da época, levando em consideração a concretude do ser humano a partir da religiosidade. A esta perspectiva cabe adicionar Neto e Maciel (2008, p. 171), quando salientam a ideia de que “os jesuítas tornaram-se uma poderosa e eficiente congregação religiosa, em parte em função de seus princípios fundamentais, que eram a busca da perfeição humana por intermédio da palavra de Deus e a vontade dos homens.”

Para tanto, tornou-se necessário estabelecer condições de desenvolver aspectos significativos à aprendizagem da colônia brasileira, e para isso, foram implantadas novas escolas e métodos de ensino baseados na educação tradicional, conhecida também como educação liberal. Esta, por sua vez, concretizou uma nova forma de propostas veiculadas à realidade até então dominante, caracterizando-se culturalmente pelo autoritarismo, pela formação moral e intelectual dos indivíduos, através da lapidação destes à convivência social (SAVIANI, 1999).

Contudo, direcionar um olhar às condições e relações dos alunos e professores da época, desencadeia a formalização social e educacional que estes estabeleceram através de suas vivências. Com isso, tornou-se indispensável ressaltar a **relação entre escola e família**, refletindo sobre as funções de cada uma no contexto da educação tradicional, de modo a

formalizar o modelo educacional da época, ao relacionar aluno (família), o professor (escola) e os papéis estabelecidos por ambos.

A escola tradicional visava à formação cultural e social dos indivíduos, ao mesmo tempo em que, as famílias incumbiam-se de instruir e educar seus filhos, por intermédio de ensinamentos e conhecimentos que, muitas vezes, os adultos estendiam sobre os mais novos, permitindo-lhes o desenvolvimento e convivência no meio social.

Além do mais, a escola tradicional objetivava “transmitir uma cultura geral humanística, de caráter enciclopédico”, na medida em que, individualmente, os alunos permitiam-se, através dos conhecimentos adquiridos, inserir-se e conviver na sociedade. (LIBÂNEO, 1992, p. 94).

Portanto, percebe-se que, tanto a escola quanto a família, desempenhavam papéis sóbrios e pertinentes aos alunos/filhos, porém, evidenciavam-nos especificamente, conforme os preceitos exigidos e as ações estabelecidas. À escola cabia a missão de ensinar os conteúdos e às famílias a tarefa de educar e ensinar os valores.

Sobretudo, relacionar os papéis entre escola e família nos induz a refletir sobre a relação cultivada entre professor e aluno no processo ensino aprendizagem, no espaço escolar e na convivência entre ambos. E, em relação a esta concepção o paradigma³ tradicional compreende a construção da **relação professor e aluno**, no qual incorporava-se o conhecimento de forma transmissível, e as iniciativas eram impostas pelo primeiro, tornando-se um “expositor” de conhecimentos; e o segundo de maneira receptível, estabelecia um processo de aprendizagem “passiva”.

Nesta perspectiva, Saviani (1999), ressalta que o ensino tradicional

Se centra no professor, nos conteúdos e no aspecto lógico, [...] que domina os conteúdos logicamente estruturados, organizados, enquanto que os métodos novos se centram no aluno [...], nas motivações e interesses da criança em desenvolver os procedimentos que a conduzam à posse dos conhecimentos capazes de responder às suas dúvidas e indagações. (SAVIANI, 1999, p.51 - 52)

Entende-se que os alunos firmavam-se como expectadores/receptores de conhecimentos, obtendo-se conhecimento pelas estratégias, de repetição e memorização. O professor, por sua vez, assumia o papel de transmissor de conhecimentos, um ser autoritário que demandava os ensinamentos de acordo com seu conhecimento. A educação, no entanto, apresentava-se superficial à forma de ensinar/educar, respectivamente.

³ Paradigmas são os conceitos, crenças, normas e valores que são adquiridos pela vivência social e cultural e que nos impulsionam ou impedem de realizarmos determinadas ações. [...] poderíamos dizer que seriam uma espécie de bússola em contínua construção que serve para nos orientarmos em nossas opções e decisões. (SCHMITZ, 2006, p. 77).

Sendo assim, ao conceber este modelo de educação, optou-se por direcionar ainda um olhar às **práticas metodológicas** e a **organização do espaço escolar**, observando a sua repercussão na aprendizagem dos educandos. Isso, porque esta concepção estabelece conceitos absolutos, impregnados ao trabalho do professor que “transmite, segundo uma graduação lógica, o acervo cultural aos alunos” (SAVIANI, 1999, p. 18).

Desta forma, as práticas pedagógicas da escola tradicional concretizam a relação entre conteúdo e o conhecimento do professor, instruídos de forma em que ocorriam no espaço da sala de aula, entre quatro paredes, com classes enfileiradas e com a ausência da interação entre os seus pares.

A organização da escola tradicional se dava a partir das iniciativas tomadas pelo professor e a organização do tradicional espaço da sala de aula, na medida em que este, na visão de Schmitz (2012, p. 83), caracterizava-se como “um espaço compartimentado, [...] com papéis definidos para o professor [...] e o aluno[...]. Um ambiente fechado e silencioso, com condições necessárias para a construção das aprendizagens”.

O limite que se insere neste âmbito (da organização espaço-temporal) “ignora” a aprendizagem significativa dos discentes, pois, de certa forma, estes não interagem com o processo de desenvolvimento cognitivo, físico e afetivo educacional.

Deste modo, procurou-se direcionar nesta pesquisa, um novo olhar à educação. Um olhar que permitisse a abertura de novos paradigmas, de situações reais que direcionassem ao caminho do saber. Neste contexto, as práticas pedagógicas passam a estabelecer relações significativas no processo ensino aprendizagem, uma vez que interligam a interatividade e as inovações à construção de conhecimentos e ao desenvolvimento educacional.

2.2 TECENDO A CONTEXTUALIZAÇÃO DA INTERATIVIDADE NA EDUCAÇÃO ATUAL⁴

No atual cenário educacional somos desafiados a atentar para a lógica da reorganização do espaço educacional, direcionando um olhar aos conceitos e ações que norteiam a prática docente apontam para a necessidade da mudança, do novo, na medida em que novas gerações vão adentrando à instituição escolar. Sendo assim, é importante destacar o

⁴ Na educação atual, teóricos e pesquisadores da área defendem a busca de um paradigma *inovador*, centrado na inovação e na interatividade.

processo educacional na forma de direcioná-lo ao âmbito inovador, ativo e “conectado” com a realidade atual.

A palavra interatividade designa significados inerentes à capacidade de comunicação, de interação, diálogo e cooperação entre pessoas, grupos ou objetos. Ao articular este conceito no espaço escolar, pode-se dizer que o contexto interativo promove,

Uma nova relação do aluno com o conhecimento, com outros alunos e com o professor, a partir do momento, em que se propõe um ensino que considera como prioridade as formas de aprendizagens. [...] A possibilidade de interagir [...] implica rever todos os papéis dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem (BARROS; CARVALHO, 2011, p. 218).

Desta forma, compreende-se a importância de introduzir situações/momentos **interativos**, na medida em que o discente permite (re) criar-se, potencializar-se e intervir na construção do conhecimento de modo a ressignificar suas ações e aprendizagens.

Nesta perspectiva, torna-se imprescindível adentrar no contexto relativo à **escola e família**, partindo do pressuposto de que ambas desempenham papéis importantes no processo educativo.

Desta forma, torna-se importante articular os papéis, na medida em que tanto a escola quanto a família desempenham funções semelhantes, de reflexos significativos ao educando. Portanto, o processo educativo decorre da participação ativa e mediadora entre ambas, ao posicionarem o aluno enquanto sujeito ativo da sua aprendizagem.

Neste sentido, a escola, supera a concepção de mera reprodutora de saberes na medida em que os teóricos a caracterizam como “*escola aprendente*”, que visa humanisticamente a produção e mobilização do conhecimento, numa perspectiva colaborativa de aprendizagem.

Todavia, entrelaçar aspectos condizentes à perspectiva relacional e interativa entre escola e família, introduz a **interrelação entre professor e aluno**, que, de certo modo, desencadeiam ações e vivências construtivas que refletem na interação entre ambos.

Neste contexto, o professor torna-se o mediador do conhecimento, enquanto os educandos são desafiados a participarem ativamente deste processo. Por isso, é fundamental que,

Professor e alunos saibam que a postura deles, [...] é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. [...] O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio [...] o *saber* de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. (FREIRE, 1996, p.86).

Compreende-se que a aprendizagem ocorre a partir de uma participação colaborativa, em que tanto educandos quanto educadores participam ativamente do processo em

construção. Assim, entrelaça-se a complexidade da curiosidade neste contexto, uma vez que esta determina as ações dos sujeitos na perspectiva de ampliar suas potencialidades, desenvolver capacidades de agir e pensar diante das situações vivenciadas na sala de aula.

Cabe ressaltar ainda que, neste paradigma, o educador torna-se mediador na produção de conhecimentos, introduz o engajamento motivacional da aprendizagem através do compartilhamento de ideias e da interação com os educandos. Sua metodologia de ensino e as reflexões acerca dos conteúdos, entre outros aspectos, contribuem na eficiência e eficácia da prática educativa na sala de aula.

Especialmente, esta correlação existente entre estes sujeitos (professor-aluno) direciona um olhar à **prática pedagógica e os espaços da escola**/sala de aula, num âmbito interativo, cercado de circunstâncias inovadoras que dão vida e dinamizam o processo educativo.

Sabe-se que a organização do espaço na sala de aula enfatiza a relação do aluno com o aprender, especialmente quando este caracteriza-se como um ambiente mediador de aprendizagens, permitindo ao aluno conhecer e interpretar suas ações neste meio. E, nesta perspectiva, cabe ao professor repensar a organização do espaço escolar, uma vez que este busca desmitificar o padrão dos arranjos tradicionais, preparando-se para acolher a diversidade presente em seu cotidiano.

Portanto, a relação que tanto alunos como educadores mantêm no espaço-tempo da sala de aula, permite a contextualização da construção de pensamento, conhecimento e possibilita o processo de interatividade, ao primar pela construção e vivências de situações significativas de aprendizagem.

Assim, torna-se possível desenvolver atividades que caracterizam o espaço da sala de aula, tornando-o dinamizador e interativo, ao passo que define-se como um ambiente de

Ensino-aprendizagem de saberes específicos, em níveis e complexidade diferenciados, através de metodologias apropriadas, e que só tem em sua peculiaridade assegurada na medida em que professores e alunos garantem, a execução real destes objetivos. A sala de aula, então, é aquele espaço físico [...] dinamizado prioritariamente pela relação pedagógica. (MORAIS, 1988, p. 86).

É neste espaço interativo, da sala de aula, que o processo educativo ocorre de forma significativa, na medida em que visa a produção do conhecimento sob a valorização da exploração deste ambiente.

Para tanto, torna-se imprescindível refletir acerca da influência das tecnologias no contexto educacional, já que, inseridos numa sociedade virtual, os alunos mostram-se capacitados e imersos à estas ferramentas. Daí surge a caracterização destes sujeitos na

perspectiva integradora da inovação, ou seja, a geração conhecida pelos pesquisadores da área “nativos-digitais”.

Diante disso, percebe-se que o paradigma atual (interativo/inovador) emerge situações objetivas de ensino aprendizagem, na perspectiva de amparar as ações proporcionadas pelos educadores à colaboração da construção de conhecimentos e das potencialidades dos educandos.

Com a realidade atual, os alunos tornam-se aprendentes tecnológicos, na medida em que usufruem dos meios interativos/ tecnológicos de ensino aprendizagem. Já que, apresentam-se digitalizados na versão “3.0”, enquanto, a maioria dos professores encontram-se no estágio “1.0” (FAVA, 2014). Esta diferenciação, por sua vez poderá resultar numa certa resistência ou dificuldade de capacitação ou apropriação tecnológica-ativa por parte dos professores, aspecto este que evidenciou novamente a importância desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas levam-nos a refletir sobre as práticas pedagógicas escolares desenvolvidas no paradigma tradicional permeado pela premissa em que o professor ensinava e o aluno aprendia. Já no contexto do paradigma contemporâneo professores e alunos ensinam e aprendem num processo contínuo de interação.

Ademais, estas transformações educacionais são influenciadas pelo contexto social, tecnológico e resultam na reorganização de um novo sistema de ensino, fundamentado pelo processo interativo de aprendizagem, na medida em que novas gerações constituem o espaço educacional e este modifica-se de acordo com a realidade existente ou vivenciada.

Sobretudo, buscou-se direcionar, uma melhor visibilidade aos aspectos interativos no processo ensino aprendizagem. As pesquisas realizadas, apontaram, portanto, a necessidade de repensar as práticas pedagógicas no contexto dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o intuito de perceber a dinamização entre o contexto educacional passivo (paradigma tradicional) e a interatividade (paradigma interativo), de modo a torná-las ativas, através de vivências e experiências que identificam a realidade e promovam o autodesenvolvimento dos sujeitos envolvidos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Maria das Graças; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem. **Tecnologias digitais na educação**. [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247-09.pdf>>. Acesso em: 23/05/2016.

FAVA, Rui. **Educação 3.0**. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: A pedagogia crítico social dos conteúdos. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1992.

MORAIS, Regis de (org.). **Sala de aula: que espaço é esse?**. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

NETO, Alexandre Shigunov.; MACIEL, Lizete Shizue Bomura. O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões. *Educar*, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação política. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SCHMITZ, Lenir Luft. **Entre a educação e o ensino fundamental**: uma análise das vivências espaço-temporais das infâncias. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2012.

SCHMITZ, Lenir Luft. Paradigmas do conhecimento: os percursos e descaminhos da educação ao longo da história. *Revista Divisa*, Faculdade de Itapiranga, v.3, n. 4, p. 77-82, jul./dez. 2006.